

Morrer de tanto rir

*Raquel MOYSÉS*¹

RESUMO: analisando as relações estabelecidas pela mídia televisiva e o esporte espetacularizado, a autora aponta influências sobre a esfera cultural da percepção na sociedade contemporânea, cujo fulcro estaria na perspectiva do divertimento a qualquer custo e da banalização nas vivências do tempo livre.

ABSTRACT: Analyzing the relations established by the television media and spectacle sports, the author points out the influences on the cultural sphere of perception in contemporary society, whose fulcrum is in the perspective of entertainment at any cost and the banalization of life quality in free time.

No livro *Divertirsi da morire* Neil Postman conjectura que o apetite quase insaciável por divertimento estaria levando os seres humanos pouco a pouco a morrer. Na obra extremamente séria, embora analise os efeitos profundos e devastadores de uma cultura baseada no riso fácil e descabido, o autor desvela, inspirado em *O admirável mundo novo* de Aldous Huxley, como valores espetaculares influem sobre o modo de pensar e agir das pessoas. Ele discute principalmente como, cada vez com maior frequência, a informação, o conhecimento, a ciência, a religião, a instrução, as regras de comportamento e formas de persuasão estejam se adaptando às exigências da televisão, de tal modo que pessoas se tornam prisioneiras de imagens e capitulam ao bombardeamento unidirecional de mensagens que veiculam um pensamento único através de celebridades mitificadas do mundo da telinha.

Postman supõe que, na era do espetáculo, a televisão tomou o lugar de qualquer outra forma de comunicação. E que os fundamentos do discurso público se transformaram em meras formas de atração, evasão e divertimento. Divertir-se, então, pareceria ser o propósito principal não apenas do tempo livre, mas da própria vida de seres imersos num mundo gosmento de imagens excessivas, em que não mais distinguem a origem e os propósitos das mensagens extenuantes.

O professor da New York University constata: “Política, religião, notícias, esporte, educação, economia, tudo se tornou um apêndice da grande indústria do espetáculo, e ninguém protesta, pelo contrário, nem ao menos se importa.” Estariam todos dispostos, portanto, a divertir-se a não mais poder, “a morrer de tanto rir...”

*Não se filosofa na televisão.
A forma é contra o conteúdo*
Neil Postman

Partindo-se dessa perspectiva de análise é possível indagar se, e como, os seres humanos, a natureza, os fatos, as instituições, passariam a ter uma existência mediada por meios que, através de uma “conversa” infundável (simulando uma comunicação “de verdade”), lhes roubariam o conteúdo, o sentido, e até a própria vida. As coisas pareceriam só existir, então, se mediatizadas, apenas quando aparecem nos meios de

¹ Jornalista na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e educadora no curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Doutora em Comunicação Social pela Università Cattolica del Sacro Cuore, Milão, Itália. E-mail (raquelmoyeses@hotmail.com)

comunicação mas, principalmente, quando a televisão fala delas, as mostra como uma versão até mais “verídica” que o próprio mundo real.

Essa condição também se aplicaria ao mundo dos esportes e dos desportistas, que só dariam mostras de “existir” quando a mídia, exaustivamente, fala deles. A interferência da mídia sobre esse campo de atividade tem despertado a preocupação de estudiosos da comunicação. Aldo Grasso provoca: “A mídia modifica os esportes, os quais, modificando-se, oferecem aos meios novas ocasiões de espetáculo. Se a mídia se interessa por esporte, a publicidade se interessa por esporte; desse modo o esporte recebe nova linfa para novas inserções no circuito da mídia”. O pesquisador italiano, um dos autores de *Lo specchio sporco della televisione*, um extenso estudo sobre a ciência e o esporte na cultura televisiva, chega à conclusão de que o mundo se cansou do “difícil”, e que a corrida ao conforto e à uniformidade invadiu o campo do espírito, enquanto o espetáculo esportivo perdeu a sua carga ritual.

Os recursos da tecnologia avançada tornaram o evento esportivo um espetáculo qualquer entre muitos outros, despertando no telespectador o desejo de intervenções técnicas da direção televisiva para tornar mais interessante e divertido o espetáculo. “Nas corridas automobilísticas se espera inconscientemente o acidente; nas ciclísticas e de esqui, as “quedas feias”; no boxe, o atendimento do médico; no *rugby* e no *hockey* a briga coletiva e assim por diante. Princípio: na televisão até o esporte conhece a lassitude do neo-consumismo. É como se fôssemos presentes em Tróia, nas Termópilis, em Waterloo, mas só para assistir esqualidos zero a zero.”

Grasso considera que o caráter simbólico dos esportes cresceu desmesuradamente, de modo que o acontecimento esportivo acontece sobretudo fora do campo de competição, nas reações dos torcedores que a televisão tornou iguais, semelhantes a animais domesticados que têm as mesmas reações, se exprimem com os mesmos comportamentos. “O evento é somente um pretexto, no sentido literal e no semiótico. A condição pós-moderna, neobarroca, trans-high tech tem um só nome, aquele da mais grave doença social, a verdadeira peste do século XX: o desenraizamento exterior e interior.”

Giorgio Simonelli, outro dos autores do livro *Lo specchio sporco della televisione*, também constata como o esporte e a TV aparecem não mais como duas realidades separadas mas como algo único, indivisível, em que uma realidade, aquela televisiva, englobou e substituiu a outra.

Desde a sua origem a televisão encontrou nos acontecimentos esportivos um campo para demonstrar aquilo que tinha “a mais” em relação aos outros meios: a transmissão ao vivo. Mas naqueles anos 50, ela não precisava de sofisticadas elaborações eletrônicas para despertar interesse. Além do fascínio das imagens em direta, o fato é que as competições aconteciam em horários reservados ao lazer, ao repouso, e assim já contavam com um público certo.

Foram sobretudo os grandes eventos, como as Olimpíadas, a Copa do Mundo, os prêmios de Fórmula Um que, assumindo uma dimensão universal, transformaram de modo decisivo as relações lingüísticas e as estruturas comunicativas no âmbito esportivo, provocando o fenômeno que Bettetini chama de *riregolamentazione* (re-regulamentação) na obra *La conversazione audiovisiva*. “Esta consiste em uma predisposição, em uma adequação do referente esportivo à reelaboração que terminará por produzir os signos de um discurso audiovisual. Peguemos o exemplo da televisão: desde o início ela agiu em relação às

manifestações esportivas como uma espécie de periscópio-telescópio, capaz de colher delas fragmentos e visões de conjunto para seguida propor uma síntese expressivamente coordenada na tela; depois, um pouco de cada vez, foi assumindo um papel sempre mais relevante, condicionando o próprio modo de ser das mesmas.” Bettetini considera que a televisão empurra na direção de uma série de intervenções transformativas, com a finalidade de servir às regras do seu discurso e às intenções comunicativas de sua enunciação. “Os painéis publicitários, a cor das camisetas dos competidores, a cor e a decoração gráfica da própria bola, a definição dos percursos de certos circuitos são todos elementos que, com outros, incidem sensivelmente sobre os aspectos formais do futebol, do basquete, do ciclismo, do automobilismo, do pugilato e de outros esportes, reduzindo o papel deles àquele de pretexto para uma construção discursiva que, mesmo se fundamentando-se neles, os supera instrumentalizando-os”.

Mas a transformação das manifestações esportivas, como lembra Simonelli, transgridem os procedimentos e as regras das competições para determinar as estruturas organizacionais e o próprio comportamento dos atletas. O autor traz o exemplo de um episódio que aconteceu durante os Jogos de Montreal, em 1976. “Viren, medalha de ouro dos 10 mil metros planos, depois de ter vencido a disputa, tirou o par de tênis e, com os pés nus, sapatos nas mãos, retomou a sua corrida...seguido de perto pelas câmeras. Os enquadramentos não podiam deixar de dar destaque, junto com a imagem alegremente composta, verdadeiramente olímpica, do grande atleta, também a evidentiíssima marca Adidas dos tênis que ele mostrava como um troféu.” E prossegue: “Quanto anos luz estava distante a sua atitude, o seu show todo televisivo, claramente imaginado para atingir os milhões de telespectadores espalhados em todo o mundo, em relação à ingenuidade do grandíssimo Abebe Bikila que, terminada vitoriosamente a sua segunda maratona olímpica em Tóquio, se inclinava ao chão por quatro vezes, voltando-se aos quatro pontos cardeais em um gesto sóbrio, romântico, mas primitivo e incompreensível para os telespectadores de quatro continentes”.

Todavia, não apenas os comportamentos competitivos mudaram sob a influência da TV. As estruturas próprias do esporte também adequaram as suas escolhas às exigências do mundo televisivo. Tudo, até ao próprio público presente nos eventos esportivos, se oferece um espetáculo que tem traços muito semelhantes àqueles aos quais a TV lhes habituou. Em Los Angeles, em 1984, toda a coreografia da cerimônia de inauguração distanciou-se de uma tradição secular que a ligava às manifestações folclóricas dos países organizadores. Ali, na América dos *musical*, a solenidade se inspirou abertamente à história do cinema. “Exatamente no seu momento mais sagrado, a chegada do fogo de Olimpia, o esporte celebra a sua ligação com o mundo do espetáculo e, entre as muitas formas de espetáculo, escolhe a imagem cine-televisiva”, constata Simonelli.

O fenômeno esportivo produzido pela televisão, destituído de sua tradição festiva e ritual, provoca também uma reviravolta nos horários e hábitos de inteiras populações, invadindo espaços da programação antes usados para outros tipos de espetáculos. Para garantir a magia da simultaneidade universal, a noite se transforma em vigília coletiva, em festa fora do tempo previsto pelos costumes.

Todas essas mudanças no campo da programação são responsáveis pelo fenômeno denominado de *ridiscorsivizzazione* (re-discursivização) por Bettetini. “Aqui o esporte perde uma parte ainda maior da sua autonomia existencial, se reduzindo ao papel de material para citações, para exemplificações sociológicas e

antropológicas, até mesmo, para paródias. Em alguns casos, as referências são ainda mais vagas: a estrutura da prática esportiva e, sobretudo, o seu dimensionamento agonístico são assumidos como modelos de manifestações discursivas completamente sem relação com as originais traduções de eventos e de sentido (debates, mesas redondas, tribunas políticas...) O esporte se transforma então em uma reserva de casos exemplares e de dados ou em um modelo de comportamento, em um relacionamento entre formas abstratas disponíveis a variadas funções comunicativas.”

O fenômeno descrito por Bettetini tem, contudo, um caráter ambivalente pois, ao mesmo tempo que os modelos de informação do espetáculo se apropriam do esporte, também os conteúdos do esporte, os seus personagens, os seus acontecimentos, em um certo sentido, modificam os gêneros e as fórmulas televisivas. Os grandes eventos exercem grande influência na evolução técnica e lingüística da representação do esporte na TV.

Os acontecimentos esportivos transmitidos em passado relativamente recente eram ainda claramente de matriz radiofônica, chamando a atenção pela simplicidade, pobreza lingüística e reduzida variedade de pontos de vista. É na segunda metade dos anos 70 que tudo muda, principalmente a partir das Olimpíadas de 76. Elas foram determinantes para mostrar não tanto que o esporte pode fazer espetáculo na televisão, mas que principalmente a televisão faz espetáculo com o esporte.

Para transformar a sua linguagem esportiva a TV seguiu dois caminhos. O primeiro, foi o de melhorar as técnicas de filmagem com a intenção de levar o ponto de vista do telespectador cada vez mais perto do centro da ação competitiva, através de imagens captadas pelas câmeras de helicópteros, embaixo da água, de dentro dos carros de Fórmula Um.

A segunda estrada tomada, considerada “perigosa” por Simonelli, é aquela em que o replay, a repetição da ação a partir de diversos ângulos, os caracteres eletrônicos e a computação gráfica fazem da TV cada vez menos uma reprodução objetiva do espetáculo esportivo. São produzidas imagens sempre menos atentas à exigência de oferecer ao telespectador aquilo que ele veria se estivesse presente ao local do acontecimento. A realidade esportiva acaba sendo reelaborada, inventada, criada, atendendo às características da TV, sem respeitar os tempos, os espaços e os ritmos próprios da modalidade de esporte.

Em *Comunicação e Mito*, Artur da Távola observa como o aumento do nível da informação desportiva determina a diminuição da relação através da paixão, que seria muito mais filha da transmissão radiofônica, em época de menor intercâmbio entre cidades e países. “O rádio favorecia o imaginário, logo o heróico e o fabuloso, a televisão junte ao real: é frustrante. E ainda traz outro elemento diluidor: a consagração de diversos desportos diluindo a força passional da monomania desportiva. Antes da TV os países possuíam o “desporto nacional”.

O autor considera que a paixão clubística só viceja onde falta conhecimento diferenciado. Quando este se torna possível, o sentimento de amor por um time não se manifesta de modo tão exaltado. “A vida fica mais lúcida e menos encantadora...” No caso brasileiro, lembra, antes da proliferação da comunicação eletrônica, o contato do torcedor de futebol se dava com seu time. Depois, a televisão começou a colocar diante dele, sem a mediação de narradores, e em número crescente, partidas outras, inúmeras, centenas. “A internacionalização

de conceitos, comparações, exames...alargou os condutos, aumentou a informação, e ampliou o conhecimento do torcedor. Em conseqüência diminuiu-lhe a paixão. Aos poucos ele troca o épico pelo estético”.

Mas os efeitos da mídia sobre o público brasileiro não se limitam ao campo cultural. Em *Futebol: Ideologia do poder*, Roberto Ramos analisa como o poder, através da mídia, se apropria do futebol para transformá-lo em aparelho ideológico do Estado, mistificando e legitimando o capitalismo. “Ele concede uma visão ficcional da realidade, aperfeiçoando-a . Neste processo, absolutiza as idéias da classe dominante. O futebol fabrica toda uma idealização do real...Significa uma falsa conciliação de classes dentro de condições irreais. A hierarquia e os papéis sociais são desativados. A injustiça ganha outra dimensão. Sobrevive nos estereótipos...”

Ao analisar a duração de tempo e o modo em que o futebol aparece na mídia nos anos da ditadura, Ramos constata como fora do campo a realidade era outra. “No Brasil vigora a Lei de Segurança Nacional, editada em 1969. Ela ameaça qualquer jornalista e trabalhador....Mas, nos rádios e na televisão, a concomitância dos horários nobres e o tempo livre do trabalhador não ocorrem por acaso...Quando o operário toma a marmita para o almoço, as emissoras enchem o ar de futebol...É importante não permitir que o operário pense...deve ficar preso ao rádio para ouvir, com seus colegas, o que dizem os donos do capital...Depois do almoço...falará sobre seu time. Discutirá com o seu companheiro sobre a realidade clubística”.

No prefácio do livro citado acima, Pedrinho Guareschi comenta que tudo converge para um ponto: é preciso manter o trabalhador adormecido. “Ele não pode pensar na dureza do seu trabalho, não pode saber que seu trabalho está enriquecendo os outros...Ele tem que continuar beijando os grilhões que o aprisionam”. Como anunciava o comentarista de uma rádio, naqueles anos de chumbo: “O futebol é uma questão de segurança nacional. Se fosse marcado um movimento revolucionário...não haveria problema. Era só programar um clássico em cada cidade brasileira para acabar com a revolução...”

Muniz Sodré, em *Monopólio da fala*, também caminha nessa direção de análise. “A televisão, imbricada com as instituições fundamentais da civilização ocidental (capital, família, democracia, escrita), é o mais recente e mais bem acabado momento técnico do panoptismo na comunicação social”. Como explica o autor, *Panopticon* é o nome inventado por Jeremy Bentham, em 1792, para designar uma penitenciária modelar, sem calabouços nem torturas, dentro da melhor inspiração liberal. “Dentro dela”, imagina Sodré, “um inspetor tudo vê sem ser visto...Isolado, o prisioneiro é individualizado pelo controle coletivo...jamais saberá se está ou não sendo vigiado.” É Bentham a levantar a hipótese a aplicação de panoptismo nas fábricas, escolas, em tudo aquilo que reproduz e legitima a ordem produtiva.

De acordo com Sodré, o que determina um conceito de televisão é a forma de relações sociais a que ela induz a partir de sua sistematicidade operacional. Os *media*, diz o autor, constituem em seu conjunto um aparelho que realiza ideologicamente o poder de estado. Isso não se dá, contudo, sem contradição. No interior do próprio aparelho há o choque de forças políticas conservadoras e transformadoras, de correntes ideológicas retrógradas e inovadoras. Porém, em qualquer dos casos, “o aparelho informativo se articula ideologicamente com a classe que controla o estado...e assume a lógica geral do poder de Estado.”

Dentro de uma perspectiva semiológica de análise, Sodré faz considerações sobre a produção fechada de sentido que resulta da abstração que o sistema televisivo faz das trocas concretas de comunicação. A regra do

jogo, adverte, é fingir que o medium (o intermediário técnico entre falante e ouvinte) equivale à completa realidade comunicacional dos sujeitos. Quando, na verdade, é no diálogo que a comunicação se revela como troca, permitindo o conhecimento recíproco dos sujeitos.

Percorrendo trilha semelhante à dos pesquisadores italianos citados, o autor de *O monopólio da fala* afirma que “o medium tecnológico ganha, de fato, tamanha autonomia com relação à situação vivida, humana, dos sujeitos, que consegue mesmo impor-lhes as suas razões técnicas...não é um simples mediador entre informante e público, mas um espaço autônomo capaz de criar modelos próprios, que neutralizam o sentido político das ações e dos discursos.”

O estudioso brasileiro também discute como a vida real acaba sendo apropriada pelos meios, especialmente a TV, que a apresenta como um vasto mosaico de *fait-divers*, aqueles fatos extraordinários ou sangrentos, mostrados em um campo de significações fechadas, que passam a bastar-se a si mesmas. “Se no jornal tradicional o *fait-divers* pode ser uma categoria dentre outras, na televisão torna-se o próprio modelo de interpretação dos fatos.” Assim, numa situação de guerra, impressiona menos a morte brutal em si mesma e mais as suas imagens apavorantes geradas pela televisão. Mais chocante, então, pode ser o genocídio modelado pelo medium. Como mais eletrizante pode ser o fantástico espetáculo de esporte “produzido”, destituído de sua dimensão real pelo meio televisivo, do que o próprio acontecimento esportivo que acontece nos estádios.

Para finalizar essa breve reflexão, seria conveniente, então, retomar a provocação do início do texto e voltar a indagar, com Postman, se já não teria se tornado de fato verdadeira a profecia de Aldous Huxley. A discussão que se propôs aqui, buscando compreender se, e como, a mídia se apropria dos esportes e até dos corpos dos seres desportistas e torcedores, leva a supor, como o fez o autor de *Divertirsi da morire*, que não seria o Grande Irmão a tirar a autonomia, a história e a cultura dos humanos, como imaginara George Orwell na obra *1984*.

Como na ficção huxeleriana, na qual se baseou Postman para avançar algumas previsões sobre o mundo norte-americano na era do espetáculo, aqui, no Brasil, também parece haver alguns indícios preocupantes de que uma cultura *cafonesca*, rica de sensações desmesuradas, estaria reduzindo comunidades inteiras à passividade e ao egoísmo. Não seria o sucesso de produções como *Big Brother Brasil* uma evidência de que já há gente mantida sob controle através do prazer e pelo apetite quase que insaciável de distração, evasão e fuga? De que já há gente feliz de ser oprimida nesse mundo absurdo, imerso em violência e desespero? De que já há gente adorando a tecnologia que a livra da obrigação de pensar? Gente que pode ser destruída por aquilo que ama, sem sequer se afligir, morrendo de tanto rir, pelo fato de não saber mais porque ri nem porque parou de pensar?

REFERÊNCIAS (*)

BETTETINI, G. *La conversazione audiovisiva. Problemi dell'enunciazione filmica e televisiva*. 2.ed. Milano: Bompiani, 1988.

_____. *Il segno dell'informatica. I nuovi strumenti del comunicare: dal videogioco all'intelligenza artificiale*. Milano: Bompiani, 1987.

BETTETINI, G. et al. *Lo specchio sporco della televisione. Divulgazione scientifica e sport nella cultura televisiva*. 1.ed. Torino: Fondazione Agnelli, 1988.

POSTMAN, N. *Divertirsi da morire. Il discorso pubblico nell'era dello spettacolo*. Milano: Longanesi & C., 1986.

SODRÉ, M. *O monopólio da fala. Função e linguagem da televisão no Brasil*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

RAMOS, R. *Futebol: Ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

TÁVOLA, A. *Comunicação é mito: televisão em leitura crítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

(*) A tradução de citações referentes às obras publicadas em língua italiana foi feita pela autora, de forma livre.

Recebido para publicação em: 12/04/2001
Aprovado em: 15/05/2002